

O PESO DAS ÁGUAS CALADAS

**O que o silêncio não leva,
o tempo não apaga**

Cícero Vitorino

O PESO DAS ÁGUAS CALADAS

**O que o silêncio não leva,
o tempo não apaga**

Frôntis  Editorial
São Paulo/SP
2025

Copyright© 2025 Cícero Vitorino

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônicos, reprográficos etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - outubro de 2025

Capa e Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vitorino, Cícero
O peso das águas caladas : o que o silêncio
não leva, o tempo não apaga / Cícero Vitorino. --
1. ed. -- São Paulo : Frôntis Editorial, 2025.

ISBN 978-65-87013-86-2

1. Ficção brasileira I. Título.

25-308483.0

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Frôntis Editorial
www.frontis.com.br

Dedicatória

Aos que carregam dores quietas.

Aos que cresceram ouvindo pouco e perguntando muito.

Aos que não tiveram todas as respostas,

Mas seguiram mesmo assim — com o peito cheio de perguntas.

Dedico este livro aos filhos que esperaram por um pai.

Aos pais que aprenderam tarde demais a ser.

E às memórias que, mesmo doendo, me ensinaram mais do que os conselhos.

Que este livro abrace o seu silêncio como quem entende sem precisar perguntar.

— Cícero

Agradecimentos

Este livro não nasceu de um enredo. Nasceu de silêncios. De lembranças que insistiram em ficar, de palavras que não couberam em conversa nenhuma, de pessoas que passaram por mim com mais impacto do que talvez imaginem.

Agradeço, primeiro, aos que me feriram — porque foram eles que me ensinaram o valor de não ferir de volta. Aos que ficaram, mesmo quando não era fácil me ter por perto. E aos que partiram, deixando mais do que levaram.

À minha família — nas suas ausências e presenças — por ter sido o terreno onde minhas raízes aprenderam a lutar por espaço e, mesmo assim, florescer.

Aos leitores que me acompanharam desde os livros sobre liderança até este mergulho mais íntimo: obrigado por enxergarem o homem por trás do crachá. Por permitirem que eu escrevesse com alma, sem precisar pedir licença.

Àqueles que me disseram “isso não é literatura”: obrigado. Cada dúvida foi combustível.

Aos que, em algum momento, me ouviram em silêncio, me olharam sem julgar ou me deram um café forte e um conselho simples: vocês sabem quem são. Obrigado por me manterem inteiro quando o mundo queria metades.

Aos que reconhecem o valor de uma história bem contada, sem efeitos, sem heróis, sem máscaras. Obrigado por existirem. Este livro é também de vocês.

E, por fim, ao rio. Sim, aquele que correu dentro de mim por tantos anos, carregando mágoas, esperanças, pedaços meus e de outros. Obrigado por nunca ter secado.

Cícero Vitorino

Nota do autor

Escrever não foi escolha. Foi necessidade.

O Peso das Águas Caladas não nasceu para entreter. Nasceu para respirar. Porque há histórias que não fazem barulho, mas pesam como pedra no fundo da gente. Esta é uma delas.

Durante anos, carreguei dentro de mim personagens que se pareciam demais com pessoas reais. Gente que encontrei na vida ou em mim mesmo. Samuel, Rafaela, Jonas, Lídia... Nenhum deles foi inventado. Foram sentidos. Compostos de memórias, silêncios, gestos contidos e olhares que diziam mais que mil palavras.

Este livro é ficção, sim — mas a verdade corre por dentro dele como corre o rio pela margem: sem precisar provar nada, apenas sendo. É uma história sobre identidade, ausência, pertencimento e aquelas perguntas que envelhecem conosco, sem nunca terem sido respondidas.

Escrevê-lo foi um processo doloroso e libertador. Revisitei feridas antigas, andei por caminhos que pensei ter esquecido, mergulhei em culpas que ainda latejam. Mas também encontrei ternura, reencontros, e aquela espécie rara de perdão: o que não pede desculpas em voz alta, mas se oferece no olhar.

Se você chegou até aqui, leitor, é porque permitiu que essa correnteza te levasse. Obrigado por isso. Meu desejo é que, ao fechar este livro, você não leve apenas uma história, mas um silêncio bom — desses que deixam espaço para a gente escutar a si mesmo.

E se em algum momento você se viu em alguma página... bem, talvez esse livro também seja um pouco seu.

Sumário

Dedicatória	5
Agradecimentos.	7
Nota do autor	9
Introdução	15

Parte I - As margens do que foi

Capítulo 1	
Os silêncios têm nome.	19
Capítulo 2	
A chegada de Lídia	25
Capítulo 3	
Cartas queimadas.	33
Capítulo 4	
O corpo que o rio levou	41

Parte II - O coração entre ruínas

Capítulo 5	
A filha que não é minha (ou é?)	49
Capítulo 6	
O que escolhi esquecer	57
Capítulo 7	
Confissões ao pé da máquina	65
Capítulo 8	
A verdade que ninguém pediu	73

Parte III - Reconstrução

Capítulo 9	
Depois da chuva, o teto vaza.	81
Capítulo 10	
O peso das águas caladas.	89

Capítulo 11	
A caixa no fim do corredor	95
Capítulo 12	
Não é o fim. É só quase.	103
Capítulo 13	
A casa por dentro	109
Parte IV - Revelações e confrontos	
Capítulo 14	
As coisas que não foram ditas	115
Capítulo 15	
Quando o rio volta	121
Capítulo 16	
Pedaços de silêncio.	127
Capítulo 17	
O tempo das mulheres.	135
Capítulo 18	
Onde os caminhos se tocam	143
Capítulo 19	
A parte que fica	149
Capítulo 20	
Diálogo com ausência	157
Capítulo 21	
O que não se escreve.	167
Parte V - Desfecho e permanência	
Capítulo 22	
Coisas que não cabem na mala	177
Capítulo 23	
Lugares onde ninguém nos vê.	187

Capítulo 24	
Antes que amanheça.	195
Capítulo 25	
O nome que ainda me cabe	205
Capítulo 26	
Enquanto ainda é tempo	211
Capítulo 27	
As margens também têm nome.	219
Capítulo 28	
O rio ainda passa	231
Epílogo	
Ainda há sol no fim do corredor.	241

Introdução

Nem todo silêncio é ausência.

Às vezes, ele é o lugar onde a dor se esconde para não virar escândalo.

E foi a partir desse silêncio — espesso, cheio, quase sólido — que este romance nasceu.

“O Peso das Águas Caladas” não é uma história sobre grandes feitos.

É uma história sobre o que fica — mesmo depois que tudo parece ter passado.

Aqui, não espere perfeição ou finais certinhos — o que você vai encontrar são pessoas reais e narrativas que carregam a autenticidade da vida.

Vai encontrar um homem tentando acertar onde mais errou.

Uma filha tentando descobrir quem é, entre os pedaços do que não lhe contaram.

E uma família costurada pelas ausências que gritaram mais alto do que as presenças.

Escrevi este livro com a alma que carrego no peito e com a escuta que aprendi no chão da vida:

Aquela que entende que nem todo mundo fala —

Mas quase todo mundo sofre.

Cada palavra, cada linha e cada capítulo foi escrito como quem cuida de uma cicatriz:

Com firmeza, mas sem pressa.

Com verdade, mas sem espetáculo.

Espero que você, leitor ou leitora, encontre aqui não apenas uma história.

Mas algum reflexo seu — ou de alguém que você ainda guarda em silêncio.

Porque no fundo, todos nós carregamos nossas águas caladas.

E cedo ou tarde... elas pedem vazão.

Boa leitura.

Com verdade,

Cícero



Parte I

As margens do que foi

Capítulo 1

Os silêncios têm nome

Samuel acordou às 4h38, como fazia todos os dias há mais de vinte anos. Não precisava de despertador — o corpo já sabia, como uma máquina cansada que continua funcionando por hábito. Levantou devagar, os joelhos estalaram como se lembrasse de cada idade que ele já teve. Lavou o rosto com água fria, encarou o espelho rachado do banheiro e sussurrou, sem saber por quê: — Mais um dia.

Tomou café preto e amargo numa caneca de alumínio riscada, pegou a marmita de arroz, ovo e farofa, e saiu de casa para o trabalho. O céu estava escuro e o ar com cheiro de ferro molhado — típico das cidades industriais. A rua era um corredor de silêncio entre postes acesos e cães magros.

A fábrica ficava uns quarenta minutos a pé e, Samuel fazia questão de ir andando. Não gostava de ônibus. Não era por economia, era por controle — gostava de saber por onde pisava, medir a cidade com o próprio passo. Curioso é que vez em quando pegava o carro para ir até um sítio vizinho, caçar ou pescar. Ali, o controle morava no volante, não nos pés. Talvez porque, na estrada de terra, o silêncio fosse outro.

No trajeto, passava por três igrejas evangélicas, duas padarias e um campinho de areia onde, vez ou outra, ainda se ouvia a voz de meninos jogando bola. Mas naquela manhã, nem canto, nem grito,

nem cheiro de pão quente. Só o som seco do próprio passo – como se o mundo tivesse prendido a respiração.

Na portaria, o segurança acenou com a cabeça. Samuel apenas respondeu com o mesmo gesto seco. Sempre assim: nem simpático, nem grosso. Só presente. Passou o crachá e entrou no turno. Lá dentro, as máquinas já gemiam. O cheiro de óleo queimado, suor e metal era quase um batismo diário.

Samuel operava uma prensa hidráulica. O som era ensurdecedor, mas ele gostava. Aquela barulheira abafava o que vinha de dentro. Apertava os botões, girava a alavanca, conferia a peça. Repetia. E repetia. O dia inteiro. Era como se ele também estivesse sendo prensado, só que por dentro.

Ao meio-dia, almoçou sozinho na sombra de um galpão. Sentado num caixote, olhava o chão rachado como quem procurava algo que havia deixado escapar. Não era tristeza. Era mais fundo que isso. Uma espécie de paz doída. A paz de quem desistiu de lutar contra o que não pode mudar.

Às 17h saiu do turno. No caminho de volta, parou na venda do Zé do Balcão. Comprou um maço de cigarro, mesmo sabendo que a tosse estava piorando. Acendeu um ali mesmo, na calçada, olhando o céu como quem espera que alguma coisa caia dele. Mas nada caiu.

Chegando em casa, encontrou na porta uma caixa de sapato amarela, com uma fita vermelha. Nela o nome escrito em caneta azul: “Samuel Ferreira”.

Ele olhou em volta. E não viu ninguém. Levou a caixa para dentro, colocou na mesa da cozinha, acendeu outro cigarro e ficou ali, parado, encarando o objeto como se fosse uma bomba. E era, de certo modo. O passado todo cabia em caixas pequenas.

Demorou mais de uma hora para abrir. Dentro, havia uma foto desbotada de três pessoas: ele, Lídia e Jonas. Os três sorrindo na beira do rio, com os pés na água. Aquele dia. Aquele maldito dia.

Ao lado da foto, um envelope escrito à mão. Papel antigo. Letra de Jonas.

Samuel tremeu. O tempo todo ele soube que um dia isso voltaria. Não sabia quando, nem como. Mas sabia.

Abriu o envelope devagar, com cuidado e, lá estava:

“Samuel, se estás lendo isso, é porque algo deu errado. Ou deu certo demais. Não sei. Escrevo porque há coisas que precisam ser ditas — e porque te conheço: você foge do que sente como o diabo foge da cruz.”

Samuel encostou na cadeira. O coração batia alto. As palavras de Jonas, ainda vivas, atravessavam os anos com a força de um soco.

“Eu sabia de vocês dois. Desde o começo. E não, não escrevo por raiva. Escrevo porque te amo. Porque você foi meu irmão, antes de ser meu rival. E porque quero que saiba que perdoo. Não por ser santo. Mas porque a gente não pode morrer levando peso que não é nosso.”

Samuel levantou. Jogou a carta na mesa. Precisava de ar. Saiu para fora e acendeu mais um cigarro. Sentou na calçada. E ficou ali calado por longas horas.

Chorou baixinho.

Ninguém viu.

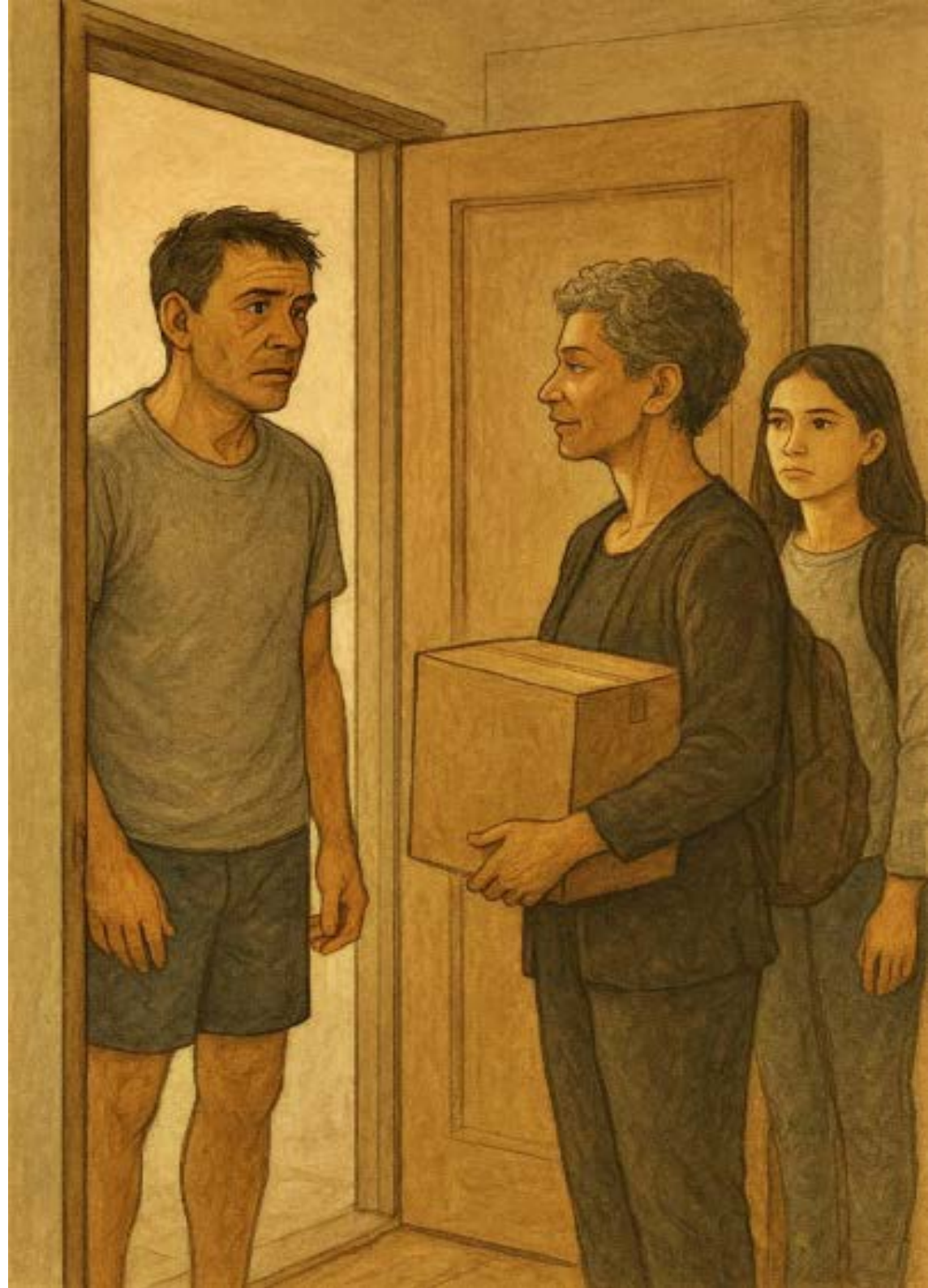
Naquela noite, Samuel não dormiu.

Ficou sentado na sala escura, com a caixa aberta sobre a mesa e os fantasmas rondando como sempre rondaram. Mas agora tinham nome, rosto e caligrafia.

Pela primeira vez em vinte anos, ele falou o nome do irmão em voz alta: — Me perdoa, Jonas.

A frase saiu baixa, rouca, com gosto de sangue seco. Mas saiu.

Ele sabia: o silêncio já tinha ceifado vidas demais naquela família.



Capítulo 2

A chegada de Lída

Samuel acordara cedo como sempre. Mas, naquela manhã, não havia pressa. O relógio da fábrica não o chamava, e a rua ainda dormia. Passou o café, abriu as janelas para deixar o vento entrar e se deixou levar por pequenos gestos — mexer na chaleira, virar lentamente a xícara, observar a luz dourada atravessando a cortina — gestos que não pediam esforço, mas enchiam o instante de quietude.

Estava na cozinha, de cueca e camiseta, quando a campainha tocou - longa e persistente - às 6h47, quebrando a calma de um domingo qualquer.

Não era entregador. Não era vizinho. Quem quer que fosse, queria ser atendido.

Ele deixou a caneca no pires, sobre a mesa, ajeitou a bermuda com um gesto automático, inconsciente e caminhou até a porta com passos pesados. Por dentro, algo vibrava estranho, como uma lembrança prestes a se materializar.

Quando abriu, o tempo fez um barulho seco como se tivesse rasgado.

— Oi, Samuel.

Lída.

A mesma voz, só que mais funda. O cabelo, antes longo e escuro, agora estava curto, cacheado, com fios brancos contornando o rosto. Estava mais magra; as maçãs do rosto saltadas, os olhos ligeiramente fundos, mas vivos. Muito vivos. Uma mulher que já enfrentara coisa demais para ainda se importar com maquiagem.

Atrás dela, uma jovem — 20, talvez 23 anos — carregando uma mochila nas costas. Pele clara, olhos castanho-escuros, expressão entre o tédio e a cautela.

— Essa é Rafaela. disse Lídia, sem esperar convite para entrar. A gente pode conversar?

Samuel ficou parado por dois segundos. Era muito cedo. Era cedo demais.

Mas abriu a porta.

A sala era modesta, limpa, com móveis gastos, mas bem cuidados. A mesa ainda tinha a caixa aberta da noite anterior. As cartas, a foto, a memória bagunçada.

Lídia viu. Mas não comentou.

— Quanto tempo, hein? Disse, puxando a cadeira.

— Mais de vinte Anos respondeu ele.

— Vinte e Três.

Todos ficaram em silêncio por um instante.

Rafaela ficou em pé, encostada na parede. Observava Samuel como quem avalia uma escultura antiga: curiosidade, desconfiança e um certo desprezo contido.

— Ela é sua filha? Ele arriscou, olhando de relance.

Lídia deu um meio sorriso.

— É isso que você quer saber logo de cara?

— Não. Mas é o que está gritando aqui dentro.

Ela respirou fundo. Tirou um envelope da bolsa.

— Eu trouxe mais algumas coisas. Jonas escreveu para você. Tem coisa ali que... bom, que só você pode ler.

Samuel pegou o envelope. Não abriu no momento.

— Você devia ter me procurado antes.

— Você que sumiu, Samuel. Sumiu da cidade, da história, de todo mundo.

Ele passou a mão no rosto. Precisava de um cigarro, mas não queria fumar na frente da menina. Mesmo sem saber se era ou não sua filha.

— O que você quer, Lídia?

— Eu quero que ela conheça a história do pai dela. Seja você... ou o Jonas.

Silêncio grosso. Gritando por dentro.

— O quê?

Lídia cruzou os braços.

— Não tenho certeza. Mas há chances de ser sua filha, sim. Eu... eu errei. Fiquei com os dois. A verdade é essa. A vida estava confusa. Vocês dois pareciam uma só pessoa às vezes. Só que um me dava colo, o outro me dava abrigo. Eu precisava dos dois. E agora ela precisa saber quem é o pai.

Rafaela bufou, sem paciência.

— Se eu sou só um erro de cálculo, me avisa logo, tá? Disse, dura como pedra. Eu só vim porque ela insistiu. Não estou aqui para pedir pai. Estou aqui para entender de onde vim.

Samuel a encarou. Os olhos dela. O mesmo jeito que Jonas franzia a testa. Mas o silêncio... aquele silêncio desconfortável... era dele.

Ele viu a si mesmo naquela menina. Não como um espelho, mas como um eco.

— Você quer saber quem é seu pai? Perguntou, olhando pra Rafaela. Mesmo que ele não seja quem você queria?

— Quero saber a verdade. O resto, eu administro.

Aquilo doeu. Porque ela falava como adulta. E ele mal sabia lidar com o menino que tinha sido.

Lídia tirou outro envelope da bolsa.

— Fiz o teste de DNA. Se o resultado for negativo para Jonas, sobre você. Naqueles tempos, só existiam vocês dois, nada mais poderia acontecer. Está aqui. A gente ainda não abriu.

Samuel segurou o envelope. O papel tremia na mão. Era uma sentença, uma liberdade, um castigo — tudo num só objeto.

— Você leu?

— Não. Achei que tinha que ser com você.

Ele não abriu. Não ainda.

A tarde passou devagar. Lídia ficou para o almoço. Cozinhou feijão, arroz e um ovo mexido com tomate. Rafaela comeu calada. Samuel também.

Depois do almoço, Lídia saiu para comprar algumas coisas.

— - Dou uma volta, vocês dois se conhecem melhor.

Disse, deixando o clima mais pesado do que já estava.

Samuel lavou os pratos. Rafaela ficou sentada na varanda, ouvindo música no celular. Sem fone. Sem vergonha de incomodar.

Ele secou a mão no pano de prato e foi até ela.

— Você gosta de quê?

— De não responder perguntas. E aumentou o volume.

Ele riu. De verdade. Pela primeira vez em dias.

— Eu também era assim, quando era novo. Achava que quem fazia pergunta queria me invadir.

Ela olhou para ele. O volume baixou.

— E não quer?

— Às vezes sim. Mas às vezes só quer te conhecer.

Rafaela respirou fundo. Mudou de música.

— Minha mãe fala muito de você. Mais do que falava do Jonas.

— Isso é bom ou ruim?

— Não sei. Mas diz muito.

Samuel sentou ao lado dela. O céu começava a mudar de cor. Azul-queimado, com laranja de fim de tarde.

— Você acha que é minha filha?

— Acho que sou filha de uma época confusa. E você parece bem confuso também.

— Justo. Ele respondeu.

Ela olhou para ele.

— Se for, você vai sumir de novo?

Samuel encarou o horizonte. A fumaça das fábricas se misturava ao céu.

— Não sei te prometer nada. Mas sei que, dessa vez, eu não quero fugir.

Ela assentiu. E não disse mais nada. Mas algo, naquele silêncio, parecia um sim.

À noite, os três sentaram-se à mesa. Samuel, com o envelope do exame entre as mãos. Lídia, com os olhos marejados. Rafaela, firme.

Ele respirou fundo. E rasgou o envelope.

Silêncio. Leu devagar.

Negativo para Jonas.

Um silêncio tomou conta da sala.

Ninguém chorou. Ninguém gritou. Só um suspiro — coletivo, cansado, resignado.

— Então tá. Disse Rafaela. agora falta você.

Samuel queria dizer “me desculpa”. Mas seria pouco.

Queria dizer “vou tentar fazer melhor”. Mas era cedo.

Queria abraçá-la. Mas o corpo ainda não sabia como.

Apesar de das afirmações de Lídia, que se não fosse Jonas seria Samuel, as dúvidas ainda era muito forte entre Rafaela e Samuel.

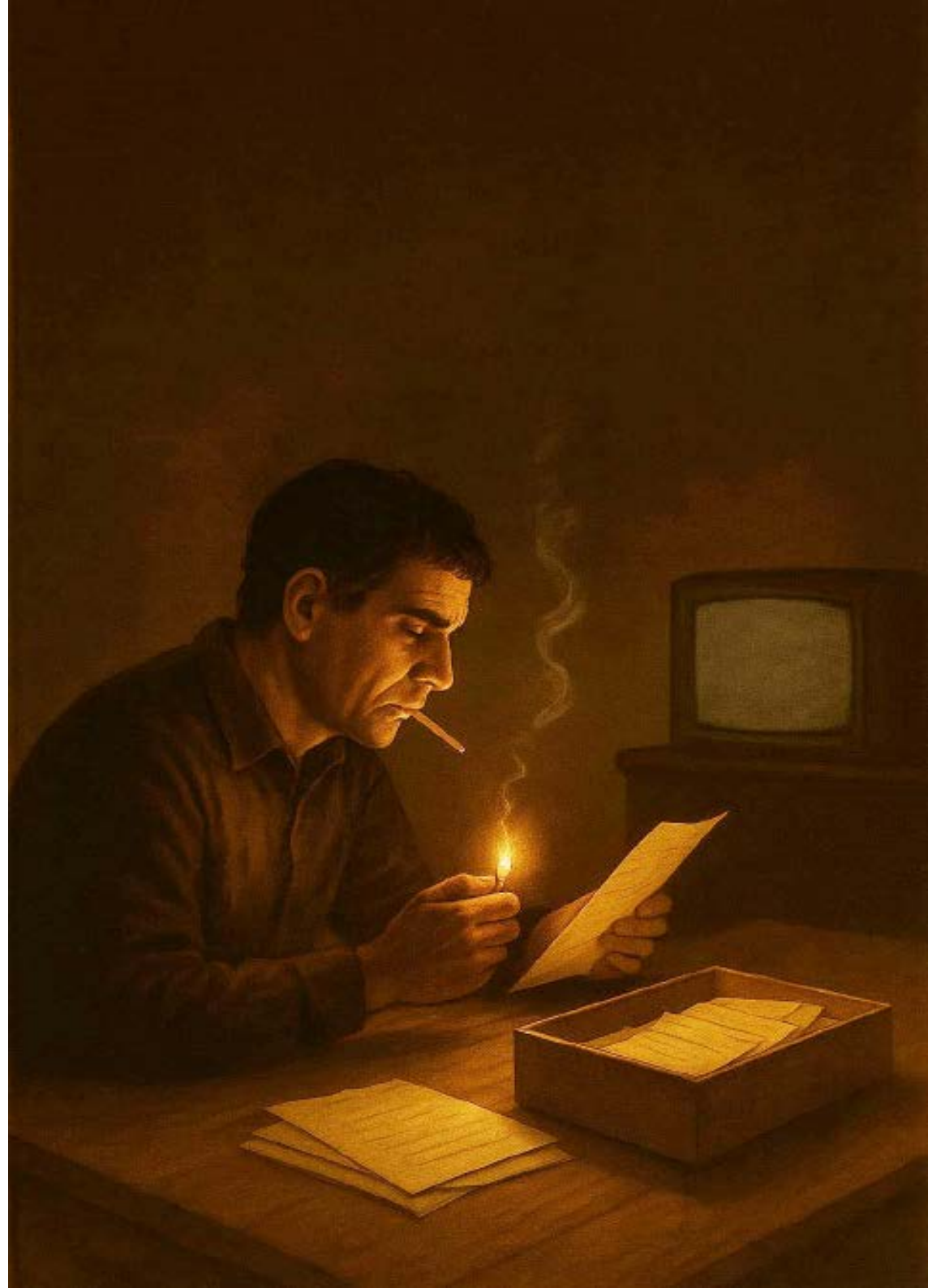
Lídia podia ver nos olhos de ambos o quanto estavam confusos.

Para não termos dúvidas, gostaria que fizessem o DNA de vocês dois. – Disse Lídia.

Então ele só disse:

— Obrigada por ter vindo.

E foi a primeira vez que ela sorriu.



Capítulo 3

Cartas queimadas

Samuel passou a noite inteira acordado. A caixa com as cartas de Jonas estava aberta sobre a mesa, como se gritasse. A televisão ligada no volume mais baixo, só para fazer companhia — ou para disfarçar a solidão. Rafaela dormia no quarto de hóspedes. Lídia havia ido para a pensão da esquina. Mas o que doía mais não era a presença delas — era a presença de Jonas. Ainda que morto, ele estava ali. Nos envelopes amarelados. Nas palavras intactas.

Samuel acendeu um cigarro e puxou a primeira carta. Era de 1996, dois meses antes da morte.

“Samuca,

Está difícil escrever sabendo que você não responde. Parece que estou falando com uma porta trancada.

Mas mesmo assim eu escrevo. Porque escrever para você é meu jeito de não enlouquecer. A cidade anda pesada. A gente também.

Lídia está diferente. E eu estou me perguntando se é comigo... ou contigo.”

Samuel apertou a carta com força, como quem tenta segurar um segredo que escapa. O papel rangeu, frágil, sob seus dedos sua-